

Trauma psíquico e abuso sexual: o olhar de meninas em situação de vulnerabilidade

Dorian Mônica Arpini
Aline Cardoso Siqueira

Sabrina Dal Ongaro Savegnago

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria – Rio Grande do Sul – Brasil

Resumo: Este artigo aborda a noção do trauma psíquico em crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual, a partir do olhar de meninas em situação de vulnerabilidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada com adolescentes, na qual se procurou, por meio da realização de grupos focais, compreender a perspectiva do abuso sexual e seus efeitos em crianças e adolescentes. Os resultados apontam que o abuso sexual é entendido como um evento traumático, descrito como uma situação que, por ter violado os direitos e desejos, deixa marcas profundas. Entre seus efeitos, as meninas descrevem comportamentos que denotam a situação traumática, como isolamento, retraimento, medos, sendo estes descritos como marcas posteriores à situação abusiva. Nas considerações finais, destaca-se a importância do enfrentamento das situações de violência, estimulando e fortalecendo a rede de atendimento, uma vez que somente este permitiria a elaboração da situação traumática, ocasionada pela distorção relacional que a situação abusiva organizou.

Palavras-chave: abuso sexual; trauma psíquico; crianças; adolescentes; vulnerabilidade.

Introdução

A violência tem sido apresentada recentemente com um grave problema de saúde e a exposição à violência entendida com um fator de risco para problemas de saúde e, em especial, de saúde mental, sobretudo em crianças e adolescentes (SÁ et al., 2009). Entre as diferentes violências que podem acometer crianças e adolescentes, encontra-se o abuso sexual. Este tem sido considerado, na atualidade, um problema de saúde pública, em decorrência do crescente número de identificações e notificações no Sistema de Justiça (GONÇALVES; FERREIRA, 2002; PFEIFFER; SALVAGNI, 2005). Embora a violência contra a criança e o adolescente não seja um problema surgido na sociedade contemporânea, é na atualidade que a concepção de que a criança e o adolescente são indivíduos em desenvolvimento, que possuem direitos e deveres, foi instaurada (ELIACHEFF, 2007). A partir dessa concepção, inúmeros pesquisadores têm estudado as situações de violência e as suas consequências para o desenvolvimento de crianças e adolescentes vítimas. Este estudo, realizado com meninas, propõe uma reflexão acerca do fenômeno da violência sexual, em especial o abuso e seus efeitos psíquicos. A teoria que sustenta o texto é a psicanálise, a partir da qual a noção de trauma será abordada, apoiando-se em Ferenczi (1992), Laplanche e Pontalis (1979), Marin (2002) e Freud (1989 [1905, 1912, 1920]). No entanto,

destaca-se que são possíveis outras possibilidades de compreensão da temática, levando-se em consideração que diferentes aportes teóricos implicam distintas possibilidades de leitura dos fenômenos; neste artigo, em especial, é focado o fenômeno do trauma psíquico decorrente de situações de abuso sexual.

A situação de abuso sexual é entendida como trauma do ponto de vista da psicanálise. Para Ferenczi (1992), nas situações de abuso sexual, ocorre uma distorção da linguagem entre adultos e crianças. O trauma é entendido como uma situação excessiva, vivida pelo sujeito, que, no momento, é incapaz de dar vazão a tal carga energética (LAPLANCHE; PONTALIS, 1979; MARIN, 2002). Para Laplanche e Pontalis (1979), o trauma psíquico provoca efeitos patológicos duradouros na organização psíquica. Freud (1989 [1920]), em “Além do princípio do prazer”, destaca que o excesso de excitação anula o princípio do prazer, obrigando o aparelho psíquico a um trabalho de organização das excitações. Nesse momento, como afirma Freud, a excitação excessiva ultrapassa as defesas do aparelho psíquico e aparece a incapacidade de dar conta da situação e de compreendê-la, o que é, segundo o autor, uma vivência de terror. No caso do trauma vivido por crianças e adolescentes abusados sexualmente, essa situação excede a capacidade da criança para dar sentido, constituindo-se, dessa forma, como traumática, instalando-se pela distorção que se estabelece na linguagem da relação adulto/criança (FERENCZI, 1992; GABEL, 1997).

Para Freud (1989 [1905, 1912, 1920]), a criança é sexualizada pelo adulto, porém a sua sexualidade será atualizada com alguém fora das suas relações familiares. Essa situação não se mantém quando ocorre o abuso sexual, deixando a criança em uma posição confusa, uma vez que a noção do que é da ordem do proibido passa a ser o permitido, mas não ao mesmo tempo possível de ser revelada, compartilhada com outros adultos importantes no universo relacional da criança. A criança vive um jogo entre o proibido/permitido e o encobrimento da situação. Segundo Rouyer (1997), a criança é envolvida em uma relação muito próxima e erotizada, sendo que, a partir das primeiras experiências de sedução, se somam ameaças constantes, na tentativa de manter o segredo que envolve a relação. Essa situação produz, segundo o autor, sucessivas rupturas traumáticas, gerando um conjunto de sentimentos confusos e ambivalentes, como medo, temor, vergonha e culpa.

Para Ferenczi (1992, p. 103), haveria uma antecipação da sexualidade adulta no mundo infantil “do mesmo modo que uma criança, que não chegou ainda ao seu pleno desenvolvimento, é incapaz de suportar a solidão, se lhe falta a proteção materna e considerável ternura”. Esse amor disponibilizado à criança ultrapassa a linguagem da ternura, constituindo-se em uma forma de amor diferente do que a criança deseja ou precisa. Corroborando essa concepção de Ferenczi (1992), Crivillé (1997) chama a atenção para a complexidade da constituição da sexualidade humana, colocando que o abuso sexual não se constitui em um problema de desejo sexual, mas antes de tudo, um problema de abuso de poder.

Temos, então, que a experiência em torno da sexualidade ultrapassa os interesses do mundo infantil, que passa a dar conta de uma demanda de sexualidade adulta, exigida por alguém que, nesse momento, não reconhece os efeitos dessa exigência para a psique da criança. Para Ferenczi (1992), se nesse momento de necessidade de ternura se oferece um amor diferente do desejado, isso pode provocar um efeito patogênico comparável à

privação do amor. Em relação à sexualidade humana, Crivillé (1997, p. 143) menciona “nem muito, nem pouco. Exatamente o necessário. Qualquer outra medida é danosa”. Em função da vivência do abuso, a criança pode manifestar comportamentos inadequados, tal como uma exacerbação da sexualidade. Esse comportamento gera, muitas vezes, uma conduta de punição por parte dos pais. No entanto, Rouyer (1997, p. 68) adverte que

[...] punir sem tentar compreender o que está subentendido em um comportamento desse tipo é desconhecer o mal-estar de uma criança que tenta, passando de uma posição passiva a uma posição ativa, elaborar o trauma que sofreu.

A vivência em torno dessa dinâmica leva a criança ou adolescente vítima de abuso a uma situação de desamparo. Tal como aponta Marin (2002), o adulto, de quem a criança espera e necessita amor, a violenta sexualmente, deixando-a em um estado de impotência. Ferenczi (1992) ainda destaca que o amor forçado, como no caso do abuso, assim como as medidas punitivas, muitas vezes, insuportáveis a que tais crianças e adolescentes são submetidos para manter em segredo tal situação, tem um efeito de fixação. Entre esses efeitos punitivos podemos incluir desde maus tratos físicos, assim como ameaças em relação aos familiares, o que incrementa o temor e o silenciamento.

Dessa forma, é importante sempre enfatizar, como aponta Viaux (1997), que o silêncio não significa que as coisas estão bem. Ele inclusive impede que a situação se modifique e que se possa dar um curso diferente ao vivido, por meio da elaboração. A necessidade de manter em silêncio a situação abusiva é também entendida por Viaux (1997) como traumática. Dessa forma, a impossibilidade de a vítima revelar o que acontece, juntamente com o medo de não ser compreendida pelos adultos próximos, leva, muitas vezes, ao isolamento, o que fortalece ainda mais a vivência de desamparo (ARPINI et al., 2010). Segundo Lamour (1997, p. 48), “o segredo está associado ao despertar das primeiras curiosidades sexuais e à culpa”.

Pode-se compreender o quanto é complexa a situação vivida pela criança ou adolescente vítima, a qual se encontra marcada pela vivência da situação violenta (traumática). Essa compreensão do trauma, até aqui apresentada, implica que será necessário um trabalho terapêutico para que a criança possa elaborar a situação, possibilitando que, por meio do atendimento, haja a reorganização da distorção na relação adulto/criança que se estabeleceu como traumática pelo equívoco na relação de amor. Dessa forma, são situações que exigem uma ação terapêutica e, nesse sentido, em concordância com Faleiros (2003), destaca-se a necessidade de integração dos três fluxos da rede de atenção ao enfrentamento do abuso sexual, quais sejam, responsabilização, proteção e atendimento.

Há necessidade de desconstruir a distorção que se estabeleceu, para que a linguagem do amor possa encontrar seu lugar no universo relacional da criança. O adulto que abusa confunde a criança exatamente por ser maior do que ela, mais forte e estar em fase de desenvolvimento posterior a da criança. O trauma se instala por essa distorção, saindo do conjunto das vivências sexuais infantis, que incluem as curiosidades, descobertas e primeiras sensações da sexualidade (FERENCZI, 1992). No entanto, é importante destacar que é justamente pelo fato de que há curiosidades e desejos infantis em torno da construção

da sexualidade que a culpa acompanha a situação traumática, pois ficará confuso para a criança vítima compreender o quanto ela é realmente vítima ou, em função de seus desejos, fez acontecer/desencadear o ato e suas repetições. Os ganhos (presentes, afagos e pactos) que acompanham a situação corroboram esses sentimentos, criando uma distorção e uma confusão de sentimentos.

Para Lamour (1997), a criança facilmente encontrará razões para sentir-se culpada e o adulto irá reativar e incrementar esses sentimentos de culpa, fomentando o segredo que silencia a criança e, assim, a irá tornando conivente com sua própria violência. Nesse sentido, a elaboração da situação abusiva (traumática) por meio do atendimento psicoterapêutico pode devolver à criança ou adolescente a possibilidade de reorganizar os lugares perdidos ao serem transbordados os limites que organizam o eu.

Este estudo objetiva apresentar, do ponto de vista de adolescentes, a compreensão do abuso sexual e de seus efeitos na dinâmica psíquica. Tem-se a certeza de um caminho longo a trilhar na construção do enfrentamento da violência infantil, especialmente nas situações que envolvem o abuso. Sem a pretensão de esgotar as contribuições da psicanálise a respeito do tema e da complexidade inerente a ele, o interesse e o recorte aqui apresentado buscou, sobretudo, destacar que o abuso sexual, quando se inscreve no universo da criança e/ou adolescente, provoca uma situação traumática e que, por isso mesmo, requer um olhar atento e cuidadoso, evitando-se possíveis simplificações ou mesmo a “banalização” do acontecimento. Trazer à tona a sua complexidade e a necessidade de romper os silêncios que o acompanham se constitui em uma das trilhas deste longo caminho, pois se entende que é a partir da revelação e das possibilidades de escuta que se chegará à possibilidade de oferecer atendimento às vítimas e suas famílias e, assim, por meio da elaboração, evitar a repetição de futuras situações violentas (ARPINI et al., 2008, 2010).

Método

Esta pesquisa foi de caráter qualitativo, na medida em que seu interesse foi compreender, de forma mais ampla e profunda, o conhecimento acerca do abuso sexual por parte das adolescentes. Participaram da pesquisa 30 adolescentes do sexo feminino com idade entre 12 e 16 anos, que frequentavam uma instituição não governamental e filantrópica, localizada na região periférica de uma cidade no interior do estado do Rio Grande do Sul. Essa instituição oferece à comunidade uma escola de ensino fundamental e um projeto de Apoio Socieducativo em Meio Aberto (Asema), por meio de oficinas (arte de rua, dança, coral, informática, escolinha de futebol, capoeira e teatro), no turno inverso à escola, a cerca de 150 crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade da região.

As adolescentes participantes da pesquisa frequentavam, em turno inverso à escola, oficinas oferecidas pelo projeto social, além de estarem todas regularmente matriculadas na escola. Todas as meninas moravam com seus familiares. As condições de habitação na região ainda são precárias, visto que muitas famílias ainda não possuem rede de esgoto e rede elétrica em suas casas. Além disso, é uma região caracterizada por tráfico, violência comunitária e doméstica, desemprego, entre outros fatores de risco.

Grupos focais foram realizados dentro da proposta desenvolvida por Jovchelovitch (2000) e Gaskell (2005). Por meio do uso dessa técnica, as adolescentes manifestaram-se espontaneamente, estabelecendo uma discussão sobre a temática, apontando criticamente suas opiniões e tendo uma participação ativa.

O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado, em seus aspectos éticos e metodológicos, de acordo com as diretrizes estabelecidas na Resolução 196/1996 (BRASIL, 1996) e Complementares do Conselho Nacional de Saúde, pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Maria (processo n. 23081.001269/2009-01 e Certificado de Apresentação para Apreciação Ética n. 0005.0.243.000-09). Após a aprovação, a entidade que atende crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade foi contatada e convidada para participar da pesquisa, a partir de todos os esclarecimentos sobre o estudo, como objetivos e procedimentos. Antes de iniciar os grupos focais, uma conversa de esclarecimento foi realizada com as participantes, na qual os procedimentos foram explicitados e foram garantidos os direitos de sigilo, confidencialidade e desistência a qualquer momento, sem prejuízo à participante.

Foram realizados seis grupos, com a presença de quatro a seis adolescentes por grupo, tendo a duração aproximada de uma hora. Os disparadores dos grupos focais foram: 1. "o que é abuso sexual?"; 2. "como e onde ocorre o abuso sexual?"; 3. "como as vítimas se sentem?"; 4. "quais são os efeitos e consequências que um abuso pode provocar?"; e 5. "quem pode ajudar as vítimas de abuso sexual?". Os grupos foram gravados e, posteriormente, transcritos para a análise dos dados. Para que a identidade das participantes fosse preservada, seus nomes foram trocados por letras do alfabeto. Os dados foram analisados por meio do método de análise de conteúdo, conforme proposto por Bardin (1977).

Para se chegar às categorias apresentadas a seguir, os grupos foram analisados, primeiro, de forma individual e, posteriormente, em conjunto, partindo-se dos elementos presentes, considerando-se a força discursiva, os sentimentos manifestados, os silêncios ou conflitos em relação à temática. Foram encontradas três categorias de análise: 1. "Marcas que ficam": a noção de trauma; 2. "Algo que fica para sempre": os efeitos do trauma e sua difícil superação; 3. "O proibido": a dificuldade de falar e o desamparo.

Discussão de resultados

"Marcas que ficam": a noção de trauma

Os efeitos do abuso sexual infantil podem ser diversos e severos, incluindo consequências físicas, cognitivas, emocionais e sociais. Em relação a esses aspectos, as adolescentes identificam o abuso sexual como "um trauma para o resto da vida" (P., 15 anos), que acompanhará a vítima em todas as situações e nos relacionamentos interpessoais. Essa noção de trauma, expressa pelas adolescentes, pode ser entendida como resultado da quebra de confiança com as figuras parentais, de quem se esperaria cuidado e proteção. Este aspecto pode ser observado nos trechos a seguir:

[A vida] foi muito marcada. [...] Pelo fato que aconteceu com elas, né, não era uma coisa que nenhuma guria quer que aconteça com ela. É uma coisa muito... ruim, muito difícil, ela nunca vai apagar isso da memória (B., 14 anos).

Ou, às vezes, não quer casar mais, não quer nada por causa que quando ela era pequena ela sofreu essa coisa, né, daí, por exemplo, ela tem medo, agora ela não quer mais sair de casa (L., 12 anos).

A percepção das adolescentes demonstra o entendimento de que a situação de abuso é traumática, visto que o limite foi transposto, uma vez que, em sua compreensão, o abuso é decorrente de uma situação não autorizada, forçada e que, portanto, viola os direitos do indivíduo. A fala a seguir expressa a noção de transposição de um limite e seus efeitos:

Eu acho que é um trauma pra criança, porque se ela foi forçada a fazer isso, algo que ela não quer, ela vai acabar sendo prejudicada, ela pode se machucar. [...] Ela pode apanhar pra fazer, então ela vai ficar com medo, [...] daí ela vai ficar com trauma (O., 12 anos).

De acordo com Ferenczi (1992, p. 102),

[...] as crianças sentem-se física e emocionalmente sem defesa, sua personalidade é ainda frágil demais para poder protestar, mesmo em pensamento, contra a força e a autoridade esmagadora dos adultos que as emudecem.

O autor explica também que se estaria oferecendo à criança algo além do que ela pode compreender, ou seja, estar-se-ia ultrapassando a linguagem da ternura.

[...] agora ela deve tá assim... com muita dor quando ela fica pensando que o pai, o pai que viu ela nascer, que junto com a mãe dela teve ela... depois fazê isso com ela. Deve ser um pensamento muito difícil, deve pensar: "O que será que eu fiz? O que eu fiz pro meu pai chegar ao ponto de fazer isso comigo, de chegar ao ponto de não me tratar mais como filha?", né? (D., 14 anos).

[...] pra elas, ainda mais que elas são crianças, elas não sabem nem o que tá acontecendo (L., 12 anos).

A fala da adolescente (L) demonstra a dificuldade de dar um sentido ao que aconteceu justamente o que constitui o traumático, aquilo que ultrapassa. Vê-se claramente expresso pela adolescente (D) a noção explorada por Ferenczi (1992), ao falar da distorção a que as crianças e adolescentes abusadas estariam submetidas, e que justamente desloca os papéis familiares e coloca a criança em situação de desamparo. A fala dessa adolescente traz, ainda, um aspecto já apontado anteriormente com relação à confusão que se estabelece. A adolescente, ao indagar-se, "o que será que eu fiz?" estaria tentando encontrar um sentido e uma possível ação sua que explicasse ou sustentasse a situação. Essa indagação é parte da dinâmica em torno das situações que envolvem abuso sexual, quando o autor tenta envolver a vítima, confundindo a autoria da cena, ao trazer seus desejos e gratificações.

Assim, o abuso sexual intrafamiliar, relatado pelas meninas como o mais frequente, acaba provocando uma confusão de papéis e funções, pois a figura paterna, que deveria prover amor e proteção, torna-se a perpetradora de um ato que transgredir as leis morais e a capacidade de compreensão da criança. Dessa forma, o adulto trairia a confiança da criança, aproveitando-se de sua vulnerabilidade e imaturidade.

“Algo que fica para sempre”: os efeitos do trauma e sua difícil superação

Diante dessa situação traumática e conflituosa, instalada pela situação abusiva, misturaram-se sentimentos de vergonha, medo e desamparo. Tais sentimentos evocam a confusão que se organiza, decorrente das ameaças, da culpa e do temor de ser incompreendido no caso de uma revelação, o que é bem evidenciado na fala das meninas:

Pra mim, elas devem se sentir mal, porque é uma coisa que elas não querem fazer, ainda mais porque isso é ruim, né? (L., 12 anos).

Eu acho que, como houve uma história, ela pode se sentir envergonhada, com medo de contar (O., 12 anos).

Assim... ela, não..., eu acho que a pessoa se sente sozinha, envergonhada, porque daí ela não... ela só pensa de ficar dentro de casa e não sair... (A., 13 anos).

Pfeiffer e Salvagni (2005) relatam que a criança, ao sentir-se desprotegida, com receio de não ser acreditada, tende a silenciar. O silêncio encobriria também o temor de ser acusada, assim como de vir a sofrer mais ameaças por parte daquele de quem depende física e emocionalmente. Tais preocupações, associadas à culpa, tendem a dificultar a denúncia, levando a criança a se calar, muitas vezes, para toda a vida.

Para Ferenczi (1992), é difícil prever os comportamentos decorrentes da situação violenta vivida pela criança. No entanto, o autor destaca que um primeiro movimento indicaria recusa, ódio, repugnância e uma resistência violenta. Porém, o que vai acontecer é que a criança vai desenvolver um medo intenso, que irá obrigá-la a obedecer e submeter-se à vontade do agressor. Tal aspecto é apontado pelo autor como uma identificação com o agressor. Essa identificação tem relação com a fragilidade da criança em poder reagir ou contestar contra a autoridade e a força do adulto que a faz se calar, consentir e sentir-se cúmplice na realização da situação abusiva, confundindo os lugares de vítimas e autores.

[...] já sofreu abuso sexual. E agora ela ... tá... ela entrô em depressão, ela tá num estado crítico, ela não qué conversá com ninguém [...]. Uma vez ela tentô se atirá da janela pra se matá, e... não queria deixá ninguém entrá no quarto dela. Depois, a mãe dela descobriu o que tinha acontecido com ela (S., 14 anos).

Pra mim, elas devem se sentir mal, porque é uma coisa que elas não querem fazê, ainda mais porque isso é ruim, né (L., 12 anos).

A criança ficará confusa entre a inocência e a culpa, o que torna ainda mais complexa a possibilidade de sua revelação, pois não está segura de ser apenas uma vítima de quem o adulto abusou. Essa dinâmica terá seus efeitos negativos no momento da revelação, sobretudo da pergunta feita por familiares: “Por que não falou antes?”. Tal interrogação frequentemente é entendida pelas adolescentes como se, ao não ter falado, deu sinais de que deve ter gostado, tal como conta esta adolescente: “Ou, se não, se não a mãe pode

pensá assim: ‘Ó, aí, tu só me conta agora!’, por exemplo, dali uns seis meses, dali um tempo, ela pode pensá que tu gosto, né. Pode ter gostado se tu não conta na hora” (O., 12 anos). Essa forma de ver o problema pode ampliar a noção de que a criança ou adolescente deve compartilhar a responsabilidade diante da situação, ou seja, não é somente uma vítima.

Outro aspecto a ser destacado refere-se à dificuldade apontada pelas adolescentes com relação a como deve ser difícil para uma criança contar o que aconteceu. Pode-se pensar que a criança, tomada por um misto de sentimentos entre certo/errado, permitido/proibido, não encontrará as palavras certas para revelar algo ao qual não é possível de atribuir um sentido. Como conta uma das adolescentes: “Não tem um jeito certo pra ela falar que foi abusada. Tipo as crianças, não tem como elas falarem” (F., 14 anos).

Dessa forma, pode-se compreender o silêncio que atormenta a vida dessas crianças e adolescentes e entender por que muitas situações de abuso sexual somente foram reveladas por pacientes adultos em situação de tratamento (FERENCZI, 1992). Rouyer (1997), ao se referir aos testemunhos de adultos que foram vítimas de abuso sexual na infância, sobretudo de incesto, menciona que as reações podem ser tardias, mas se manifestam em distúrbios da sexualidade e da parentalidade. Para a autora, a criança vítima de abuso sexual corre o risco de sofrer de uma psicopatologia grave, que perturbará sua evolução psicológica, afetiva e sexual.

Em relação a esse aspecto, Lamour (1997) chama atenção para o fato de que as ameaças sofridas pela criança fazem que a revelação seja, muitas vezes, mais temida que o próprio ato. Segundo o autor, a criança teme a punição e a incapacidade dos adultos para protegê-la da violência de seu agressor. Como as adolescentes mencionam, há um temor de que sua palavra seja contestada, invalidada ou que tal situação se volte contra si mesma, confirmando a ideia sustentada pelo autor com relação ao temor de falar. Segundo Lamour (1997), o risco maior é o de que a criança não fale nada, não de que falte com a verdade.

“O proibido”: a dificuldade de falar e o desamparo

As adolescentes acreditam que a maioria das vítimas não revela que foram abusadas sexualmente por sentirem vergonha e temerem a reação dos pais. Além disso, as meninas afirmam que há casos em que os pais não acreditam na palavra da criança ou adolescente. Estes aspectos podem ser constatados nas seguintes falas:

Tem vez que leva na esportiva... [...] como um... uma brincadeira, uma coisa assim. As crianças tem vez que a maioria dos pais, tem umas que não acreditam na, no que que a pessoa, na criança tá falando, né, leva na brincadeira (M., 14 anos).

Muitas vezes, até a mãe, tipo tem mães que tipo não dão bola, que tipo acham que a criança tá mentindo ou outra coisa (Y., 13 anos).

Lamour (1997), em relação a este aspecto, descreve, com base em um estudo de Summit (1983) que os adultos duvidam da palavra da criança e a acusam de mentir. O autor

menciona que “a criança, às vezes, muito tempo depois de ter feito a queixa, vai se retratar” (SUMMIT, 1983, p. 54). Entretanto, uma vasta pesquisa nos Estados Unidos mostrou que os fatos negados, após uma primeira confissão, eram, na maioria, fatos reais (LAMOUR, 1997).

A criança aparece duplamente como vítima: dos abusos sexuais e da incredulidade dos adultos (FALEIROS, 2000; KOLLER; DE ANTONI, 2000; LAMOUR, 1997). Tal aspecto pode ser observado ainda hoje, quando muitas crianças são levadas pela própria família a negar o discurso já feito diante da autoridade judicial, muitas vezes, pela pressão do rompimento dos vínculos e mesmo por razões econômicas que implicam o afastamento do autor da família, sendo ele o provedor (ARPINI et al., 2010). A situação de abuso sexual envolve uma relação de dominação, na qual a vítima não possui condições suficientes para reagir em decorrência da dominação psicológica. Assim, a vítima não pode ser responsabilizada pelos atos dos quais participa enquanto dominado (FALEIROS, 2000). Para Koller e De Antoni (2000), o agressor mantém seu poder sobre a vítima por meio de mecanismos de controle baseados em hostilidade e agressividade. Estas questões podem ser visualizadas nas falas das adolescentes:

Às vezes, também a pessoa que abusa, exemplo o pai, o pai abusa, daí a mãe não trabalha, tem um montão de filho e daí o pai sai pra trabalhá, daí ela pensa assim: “Bah, eu sei que ele abusa, mas se eu falá ele vai saí de casa e daí, como é que vai ficá?” (A. B., 13 anos).

[...] porque o pai dela também poderia tá forçando ela e ameaçando de morte, ou a mãe dela... (S., 14 anos).

(O abusador) ameaça pra não contá pra ninguém. Ou é um familiar, aí ela fica com medo de contá e perdê a família (H., 14 anos).

Além do fato de que, muitas vezes, na perspectiva das meninas, os familiares não acreditam na palavra de uma vítima de abuso sexual, aparece a ideia de falta de compreensão e de abertura para o diálogo por parte dos pais, especialmente da mãe.

Às vezes, [...] ela apanha por isso, né? Às vezes, os pai não compreende (L., 12 anos).

Tipo, a gente vai falar sobre sexualidade com a mãe, daí ela já sai fora do assunto, não quer falar com a gente, daí ela só fala assim: “Aí, tu pode fazer isso, mas só não chega grávida em casa” e não fala com a gente sobre sexualidade, mas eu acho que isso que tá errado, que não entende a gente direito (F., 14 anos).

Eu acho que, eu concordo com a F, né, porque elas [mães] não procuram entender o que a gente quer, porque, às vezes, elas não conseguem entender os nossos sentimentos, né (L., 12 anos).

Um estudo realizado por Rodrigues, Brino e Williams (2006) constatou que adolescentes vítimas de abuso sexual têm dificuldades de falar a respeito de sexualidade com seus

pais e não se sentem à vontade para conversar com a mãe acerca de assuntos íntimos, como namoro e sexo, optando por não falar sobre isso em casa. O distanciamento afetivo das adolescentes em relação aos familiares é um dos fatores que contribui para sustentar o medo de expor uma situação de abuso. Esse receio de revelar é aumentado ainda pelo fato de os familiares não acreditarem em seus relatos e pelo temor de serem punidas pelo ocorrido (RODRIGUES; BRINO; WILLIAMS, 2006; ARPINI et al., 2010). O estudo de Rodrigues, Brino e Williams (2006) verificou que, quanto maior a distância afetiva das adolescentes vítimas em relação aos pais, maior é a dificuldade de enfrentamento da situação abusiva. Além disso, as adolescentes que obtêm grande apoio materno demonstram maior segurança para conversarem sobre o abuso do qual foram vítimas.

Também, poder-se-ia pensar que parte das dificuldades que as adolescentes indicam estar presente no contexto familiar, referente à falta de entendimento, estaria relacionada à complexidade do tema em questão, uma vez que falar de sexualidade já é difícil, quanto mais de um exercício da sexualidade que ultrapassou as regras sociais. “Nas famílias incestuosas, a lei de preservação do segredo familiar prevalece sobre a lei moral e social” (ARAÚJO, 2002, p. 8).

Faleiros (1997) adverte que trabalhar o tema das violências sexuais implica problematizar o discurso e a prática da sexualidade na sociedade. Avançar nessa perspectiva é incrementar os estudos com relação à revelação das situações de abuso e, nesse sentido, Bouhet, Pérard e Zorman (1997) apontam três aspectos que podem facilitar a revelação: levar em consideração a palavra da vítima; pensar em cuidados sociais, psicológicos e médicos; reconhecer e apontar o autor como culpado e responsável.

Muitas vezes, a vítima, diante do dilema de denunciar e enfrentar as consequências do seu ato, prefere silenciar ou mesmo retirar a denúncia já feita, diante da pressão e da falta de apoio familiar, deixando os profissionais envolvidos desapontados e impotentes diante da situação (ARAÚJO, 2002, p. 7).

As meninas sugerem, como forma de lidar com a ausência de comunicação, falta de apoio e disponibilidade de falar sobre no ambiente familiar, a possibilidade de falar a um profissional, tal como um psicólogo. Essa escuta profissional compensaria as fragilidades das relações familiares.

Eu acho que, como vocês, assim, deveria haver mais psicólogas, porque, às vezes, até, às vezes, a pessoa não gosta de se abrir muito com a mãe, né, gosta mais de se abrir com uma pessoa que elas possam confiar, mas, às vezes, a mãe elas não gostam (L., 12 anos).

Em vista disso, percebe-se a necessidade de refletir sobre essa temática, sobre formas viáveis de informar a sociedade, a fim de superar o tabu que circunda essa temática. Acredita-se que isso só poderá ser alcançado com mais informações sobre as violências sexuais e a sexualidade em geral, entendendo que esta seria uma forma de ajudar na prevenção e também na identificação de situações de violação sexual que possam estar ocorrendo e que não devem nunca ser minimizadas em seus efeitos psíquicos.

Considerações finais

Os resultados deste estudo demonstram a complexidade e as várias faces da violência sexual. O trauma deixado pela vivência do abuso sexual, segundo as adolescentes, marca a vida da vítima. Além disso, elas acreditam que as crianças que vivenciam essas situações não entendem o que está acontecendo, sentem vergonha e medo, e ainda sentem-se culpadas pelo abuso do qual são vítimas.

Na perspectiva das adolescentes, a situação de abuso sexual será sempre traumática. É importante reconhecer que o silêncio cumpre uma função central na manutenção dessa situação. Nesse sentido, o “segredo” compartilhado pela vítima e autor é intensificado pela relação ameaçadora e culpabilizadora na qual a criança e o adolescente vítimas se encontram envolvidos.

O trauma é entendido pelo uso distorcido da sexualidade. Destaca-se, no entanto, que é sempre do adulto que se espera o cuidado em relação ao desenvolvimento na criança e também a garantia do direito que ela tem de construir sua sexualidade de forma protegida. Assim, a responsabilidade não pode e nem deve ser compartilhada pelo agressor e pela vítima. Não se deve, portanto, procurar na conduta da criança ou do adolescente algo que teria dado origem ao fato, numa tentativa de “divisão de responsabilidades”.

Destaca-se que a elaboração da situação traumática será possível a partir da revelação que a vítima faz. Essa revelação abrirá possibilidades de inserção na rede de atendimento, que vai possibilitar o trabalho terapêutico tão necessário.

Para as adolescentes, se, por um lado, as vítimas apresentam dificuldades de denunciar a violência da qual são vítimas – em decorrência do medo, das ameaças e da suspeita de falta de veracidade do fato, entre outros aspectos –, por outro, evidencia-se uma clara dificuldade de serem escutadas pelos familiares ou outras pessoas. Essa dificuldade só será superada pelo reconhecimento das barreiras que silenciam a violência sexual e pela possibilidade de enfrentar a presença das violências em nosso cotidiano. Dessa forma, faz-se necessário esclarecer, para as famílias, a importância de manter uma comunicação livre e aberta com os filhos, encorajando-os a falar sobre suas conquistas e dificuldades, fortalecendo os vínculos familiares. Além disso, torna-se necessário construir um espaço de discussão com as famílias, para que os obstáculos relacionados ao diálogo sobre sexualidade possam ser transpostos e as dificuldades superadas, gerando, na família, um sentimento de confiança e proteção.

Destaca-se a importância de tornar oportuno uma experiência psicoterápica para essas crianças e adolescentes vítimas, dando-lhes a oportunidade de elaborar e superar a situação vivida. Nesse sentido, destaca-se a importância da rede de enfrentamento a violência sexual, em especial os Centros de Atendimento Especializados em Vítimas de Violência, importante política pública que integra a rede de atenção. Esses serviços abrem a possibilidade de elaboração que reduziria a repetição de eventos violentos, reorganizando a vivência da sexualidade. É fundamental trabalhar as marcas que ficam para resto da vida, única possibilidade de ressignificar essa experiência dolorosa e desamparadora que é a situação de abuso sexual.

PSYCHIC TRAUMA AND SEXUAL ABUSE: THE OPINION OF GIRLS IN SITUATION OF VULNERABILITY

Abstract: This article approaches the concept of psychological trauma in children and adolescents who were victims of sexual abuse, from the perspective of the girls in situation of vulnerability. It is a qualitative research, carried out with adolescents, through focal groups, aiming to understand the perspective of sexual abuse and its effects on children and adolescents. Results point out that sexual abuse is understood as a traumatic event, described as a situation that leaves deep marks, since it violates rights. Among its effects, the girls describe behaviors that denote the traumatic situation, such as isolation, offishness, fear, which are described as marks present after the abusive situation. Final considerations emphasize the relevance of coping with situations of violence, stimulating and strengthening the assistance network, once it is considered the only way to elaborate the traumatic situation caused by the distortion of the relationship that the abusive situation has created.

Keywords: sexual abuse; psychic trauma; children; adolescents; vulnerability.

TRAUMA PSÍQUICO Y ABUSO SEXUAL: LA VISIÓN DE NIÑAS EN SITUACIÓN DE VULNERABILIDAD

Resumen: Este artículo aborda la noción de trauma psíquico en niños y adolescentes que fueron víctimas de abuso sexual, partiendo de la visión de las niñas en situación de vulnerabilidad. Se trata de una pesquisa cualitativa, realizada con adolescentes, donde se buscó, por medio de la realización de grupos focales, comprender la perspectiva del abuso sexual y sus efectos en niños y adolescentes. Los resultados apuntan que el abuso sexual es entendido como un evento traumático, descrito como una situación que, por ter violado los derechos y deseos, deja marcas profundas. Entre sus efectos, las niñas describen comportamientos que denotan la situación traumática, como aislamiento, retraimiento, miedos, siendo estos descritos como marcas posteriores a la situación abusiva. En las consideraciones finales, se destaca la importancia del enfrentamiento de la situación de violencia, estimulando y fortaleciendo la red de atendimento, una vez que solamente esta permitiría la elaboración de la situación traumática, ocasionada por la distorsión relacional que la situación abusiva organizó.

Palabras clave: abuso sexual; trauma psíquico; niños; adolescentes; vulnerabilidade.

Referências

- ARAÚJO, M. F. Violência e abuso sexual na família. *Psicologia em estudo*, Maringá, v. 7, n. 2, p. 3-11, jul./dez. 2002.
- ARPINI, D. M. et al. A revelação e a notificação das situações de violência contra a infância e a adolescência. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 95-112, dez. 2008.
- ARPINI, D. M. et al. A importância da escuta na revelação da violência contra a infância e a adolescência. *Psicologia, Educação e Cultura*, Pedroso, v. 14, n. 1, p. 111-128, maio 2010.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1997.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde/MS sobre Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos. *Diário Oficial da União*. Brasília, 1996.
- BOUHET, B.; PÉRARD, D.; ZORMAN, M. Da importância dos abusos sexuais na França. In: GABEL, M. (Org.). *Crianças vítimas de abuso sexual*. São Paulo: Summus, 1997. p. 29-42.

- CRIVILLÉ, A. Nem muito, nem pouco. Exatamente o necessário. In: GABEL, M. (Org.). **Crianças vítimas de abuso sexual**. São Paulo: Summus, 1997. p. 132-143.
- ELIACHEFF, C. Todos vítimas? A propósito dos maus tratos à criança. In: ALTOÉ, S. (Org.). **A Lei e as leis: direito e psicanálise**. Rio de Janeiro: Revinter, 2007. p. 163-172.
- FALEIROS, V. **A violência sexual contra crianças e adolescentes e a construção de indicadores**: a crítica do poder, da desigualdade e do imaginário. Trabalho apresentado na oficina de Indicadores de Violência Intra-Familiar e da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, promovida pelo CECRIA. Brasília, 1997.
- FALEIROS, E. T. S. **Repensando os conceitos de violência, abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes**. Brasília: CECRIA/SEDH-DCA/UNICEF, 2000.
- FALEIROS, E. T. S. **O abuso sexual contra crianças e adolescentes: os descaminhos da denúncia**. Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos, 2003.
- FERENCZI, S. Confusão de língua entre os adultos e a criança: a linguagem da ternura e da paixão. In: **Obras completas Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. v. IV, p. 97-106.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. **Obras completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1989 [1905]. v. VII, p. 127-216.
- FREUD, S. A dinâmica da transferência. In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1989 [1912]. v. XII, p. 133-143.
- FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1989 [1920]. v. XVIII, p. 17-85.
- GABEL, M. Algumas observações preliminares. In: GABEL, M. (Org.). **Crianças vítimas de abuso sexual**. São Paulo: Summus, 1997. p. 9-13.
- GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 64-89.
- GONÇALVES, H. S.; FERREIRA, H. L. A notificação da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes por profissionais da saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 18, n. 1, p. 315-319, jan./fev. 2002.
- JOVCHELOVITCH, S. **Representações sociais e esfera pública**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KOLLER, S. H.; DE ANTONI, C. Violência intrafamiliar: uma visão ecológica. In: AMENCAR (Org.). **Violência doméstica**. Brasília: Unicef, 2000. p. 32-42.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. **Dicionário de Psicoanálise**. Barcelona: Labor, 1979.
- LAMOUR, M. Os abusos sexuais em crianças pequenas: sedução, culpa, segredo. In: GABEL, M. (Org.). **Crianças vítimas de abuso sexual**. São Paulo: Summus, 1997. p. 43-61.

MARIN, I. **Violências**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2002.

PFEIFFER, L.; SALVAGNI, E. P. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 81, n. 5, p. 197-204, 2005.

RODRIGUES, J. L.; BRINO, R. de F.; WILLIAMS, L. C. A. Concepções de sexualidade entre adolescentes com e sem histórico de violência sexual. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 34, p. 229-240, maio/ago. 2006.

ROUYER, M. As crianças vítimas, consequências a curto e médio prazos. In: GABEL, M. (Org.). **Crianças vítimas de abuso sexual**. São Paulo: Summus, 1997. p. 62-71.

SÁ, D. G. F. et al. Exposição à violência como risco para o surgimento ou a continuidade de comportamento antissocial em adolescentes da região metropolitana de São Paulo. **Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 179-188, jan./abr. 2009.

SUMMIT, R. The child sexual abuse accommodation syndrome. **Child Abuse and Neglect**, n. 7, p. 177-193, 1983.

VIAUX, J. Nem muito, nem pouco. Exatamente o necessário. In: GABEL, M. (Org.). **Crianças vítimas de abuso sexual**. São Paulo: Summus, 1997. p. 121-131.

Contato

Dorian Mônica Arpini

e-mail: monica.arpini@gmail.com

Tramitação

Recebido em abril de 2011

Aceito em março de 2012